

Cena

v. 44, nº 2, maio - ago 2026

O Teatro para Crianças na Formação de Pedagogas¹

Theatre for Children in Teacher Training

Taís Ferreira²

<https://orcid.org/0000-0002-0357-7628>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS/ Porto Alegre - RS - Brasil

E-mail: taisferreirars@yahoo.com.br

1 Uma versão reduzida deste artigo foi apresentada em língua espanhola em uma mesa de conferências do VII Foro Internacional de Investigadores y Críticos de Artes Escénicas para la Infancia y la Juventud, promovido pela ATINA Argentina e realizado em Buenos Aires, em outubro de 2025, com o título de *Espacios en disputa: problematizando la presencia del teatro para niños en la formación de maestras en Brasil*. Tanto a pesquisa aqui descrita como a participação no referido evento devem-se ao financiamento do CNPq, através de edital universal (2023) e de bolsa de pós-doutorado no exterior/ PDE (2023).

2 Taís Ferreira é professora de Teatro na Faced/UFRGS, pesquisadora, extensionista e autora de livros e artigos nas áreas de pedagogias do teatro, formação de professores, artes da cena e infâncias e formação de espectadores. Realizou pós-doutorado junto à FLACSO Argentina, é Doutora pelo Dottorato Arti Visive, Performative, Mediali da Università di Bologna e pelo PPGAC da UFBa, Mestre em Educação pelo PPGEdu da UFRGS e graduada em Artes Cênicas pela UFRGS.

Resumo: Este artigo discorre sobre o lugar ocupado (ou não ocupado) pelo teatro para crianças nos currículos de educação inicial de pedagogas no âmbito brasileiro. São apresentados, dados macro, a fim de situar a educação no país e a formação docente. A inserção do teatro na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e sua presença nos anos iniciais do Ensino Fundamental e na Educação Infantil são problematizados. Na sequência, o lócus abordado é contextualizado, ou seja, a disciplina Educação e Teatro da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Por fim, são descritas as estratégias e proposições metodológicas que incluem o teatro para crianças como objeto de estudo a ser explorado no âmbito da disciplina. São explicitados os conteúdos, o planejamento e os objetivos de ensino postos em ação na construção deste currículo em teatro para as infâncias na pedagogia. As articulações teóricas são tecidas com autores do campo da pedagogia teatral, principalmente trabalhos recentes de viés histórico e crítico das relações entre educação e teatro. As conclusões apontam para a necessidade da formação estética das docentes como espectadoras, a fim de que possam qualificar suas práticas pedagógicas em artes com crianças e a mediação entre infâncias e artes da cena contemporâneas.

Palavras-chave: Currículo. Formação docente. Metodologias de ensino. Pedagogia. Teatro para crianças.

Abstract: This article discusses the place occupied (or not occupied) by theatre for children in teacher training curricula in Brazil. Macro data are presented in order to situate education in the country and teacher training. The inclusion of theatre in the National Common Core Curriculum (BNCC) and its presence in the early years of primary education and early childhood education are problematised. Next, the locus addressed is contextualised, namely the Education and Theatre course at the Faculty of Education of the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS). Finally, the strategies and methodological proposals that include theatre for children as a subject to be explored within the discipline are described. The content, planning and teaching objectives put into action in the construction of this curriculum in theatre for children in pedagogy are explained. The theoretical articulations are woven together with authors from the field of theatre pedagogy, mainly recent works with a historical and critical bias on the relationship between education and theatre. The conclusions point to the need for the aesthetic training of teachers as spectators, so that they can qualify their pedagogical practices in the arts with children and the mediation between childhood and contemporary performing arts.

Keywords: Curriculum. Pedagogy. Teacher training. Teaching methodologies. Theatre for children.

Introdução

Este trabalho problematiza o lugar ocupado (ou não ocupado) pelo teatro para crianças nos currículos de formação inicial de pedagogas no âmbito brasileiro. Para tanto, inicio apresentando dados macro a fim de contextualizar a educação no país e a formação docente. Sigo comentando a inserção do teatro na Base Nacional Comum Curricular (doravante BNCC, BRASIL, 2018) e seu cumprimento nos anos iniciais do ensino fundamental e na educação infantil. Na sequência, contextualizo o lócus aqui abordado, ou seja, a disciplina Educação e Teatro da Faculdade de Educação da UFRGS, para, por fim, apresentar as estratégias e proposições metodológicas que incluem o teatro para crianças como objeto de estudo a ser explorado no âmbito da disciplina com as futuras pedagogas (a maioria absoluta já em atividade em sala de aula, como estagiárias ou assistentes de classe). Discorro sobre os conteúdos, o planejamento e os objetivos de ensino postos em ação por

mim, como professora, na construção deste “currículo em teatro para as infâncias” com as pedagogas, destacando aqui a dimensão de ensino articulada à extensão e à pesquisa que venho desenvolvendo com o teatro junto ao curso de Pedagogia e à Faculdade de Educação da UFRGS.

Contextualizando a formação de professoras da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental no Brasil: os cursos de Pedagogia

No Brasil, as professoras dos anos iniciais do ensino fundamental e da educação infantil devem ter formação em nível superior na Licenciatura em Pedagogia. Os cursos de pedagogia são os que formam o maior número de profissionais anualmente no país. Segundo dados do sistema E-Mec, consultados em junho de 2025, os cursos de Pedagogia Presencial são 1731 e os cursos de Pedagogia EAD são 594. Conforme dados do Censo do Ensino Superior 2023, realizado pelo INEP, a Pedagogia é o curso com o maior número de matrículas ativas no Brasil, somando 852.476 matrículas, sendo que destas mais de 70% são matrículas em cursos EAD. Há a possibilidade de que esses dados se modifiquem nos próximos anos, a partir da promulgação do Decreto nº 12.456, de 19 de maio de 2025, que dispõe sobre a oferta de educação a distância por instituições de educação superior em cursos de graduação, contando todos eles com um mínimo de carga-horária presencial e de atividades síncronas.

Os números da educação básica brasileira impressionam e é preciso lembrar deles: segundo o Censo Escolar (INEP, 2024), o país conta com 47.088.922 estudantes na educação básica (dos últimos dois anos da Educação Infantil até o último ano do Ensino Médio). Deste total, 85,7% dos estudantes estão na rede pública de ensino (municipal, estadual ou federal) e somente 14,3% dos estudantes frequentam a rede privada de ensino. Já no que concerne aos docentes, contamos com 2,4 milhões de professores na educação básica, sendo que, destes, 1,8 milhões estão na rede pública e 78,8% são mulheres. O número total de escolas de educação básica no Brasil é de 179.286.

Assim, tratamos de um contingente gigantesco de estudantes de licenciatura em pedagogia, que vão atender prioritariamente às crianças da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental, incluindo os anos iniciais na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) e suas especificidades. As egressas dos cursos de pedagogia também estão habilitadas, em alguns casos, para trabalhar com gestão escolar, orientação escolar e coordenação pedagógica de instituições educacionais e do terceiro setor.

No Brasil, também há cursos de magistério em nível secundário, que até o século passado foram o lócus principal de formação de professoras para os anos iniciais do ensino fundamental e para a educação infantil. Assim, há ainda muitas professoras atuando na educação básica sem o nível superior completo e há concursos que assumem professoras somente com o curso magistério em diversos municípios do país. A área de artes e o teatro, particularmente, foram sempre muito presentes nos currículos dos cursos de magistério (antigo curso Normal), sendo uma porta de entrada para a própria inserção nos currículos dos cursos de pedagogia.

Como depoimento pessoal contextualizador, cumpre notar que eu fui uma criança que, ao frequentar, da educação infantil ao primeiro ciclo do ensino fundamental, uma instituição pública de ensino que ofertava o curso de magistério em nível secundário (hoje médio), no interior do Rio Grande do Sul, isso nos princípios dos anos 80, tive minha iniciação às artes com aulas e projetos em teatro, dança, música, contação de histórias, artes visuais e literatura. Esse educandário se chamava Escola Estadual Cecília Meireles e nós, crianças, tínhamos professores de artes específicos e muitas atividades promovidas pelas “normalistas” baseadas em seus estudos e propostas pedagógicas, desenvolvidos nas disciplinas de artes em sua formação. Comecei a fazer teatro com o grupo da escola, liderado por uma professora que também era poetisa e autora de literatura infantil. Nunca

mais o teatro, a literatura e as artes deixaram de estar presentes em minha trajetória, vindo a ser, inclusive, minha futura escolha profissional. Esse é apenas um exemplo subjetivo da atávica relação das artes na formação docente inicial e de como ela pode reverberar de modo indelével na vida dos educandos.

O teatro na BNCC da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394, de 1996) e a Base Nacional Curricular Comum (BRASIL, 2018), são as pedagogas as responsáveis por trabalhar todos os conteúdos (incluindo o teatro) para estes níveis de ensino. Há redes que contratam e abrem concursos para professores das linguagens específicas das artes para que atendam a educação infantil e os anos iniciais do ensino fundamental, mas isso ainda é exceção no país.

Ainda segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394, de 1996), o teatro é uma das linguagens artísticas (ou componentes curriculares, a nomenclatura ainda é um campo de disputa) a ser desenvolvida no ensino das artes, juntamente com a dança, a música, as artes visuais e as artes integradas. Os professores polivalentes em educação artística (formados a partir da obrigatoriedade do ensino de artes nas escolas com a LDB de 1971) são substituídos por professores com formação específica em cada uma dessas linguagens. Já a lei que estabelece a obrigatoriedade da educação artística na educação básica no Brasil é a Lei nº 13.278/2016, que altera a LDB (Lei nº 9.394/96). Essa lei inclui artes visuais, dança, música e teatro como componentes curriculares obrigatórios em todos os níveis da educação básica, da educação infantil ao ensino médio.

Conforme a BNCC (2018), que regulamenta os currículos escolares em todo o país, o teatro está presente como conteúdo ou disciplina obrigatória em todos os níveis de ensino (educação infantil, ensino fundamental e ensino médio), embora não especifique a necessidade de sua presença em todos os anos escolares. A BNCC define competências, habilidades, conteúdos mínimos e noções teatrais a serem desenvolvidas em cada nível educacional. Não adentraremos nesta questão, mas a incorporação das artes à área de Linguagens e suas Tecnologias indistintamente na reforma recente do Ensino Médio prejudicou sobremaneira a presença das artes neste nível educacional, conforme vemos em trabalhos que problematizam essa questão, como o de Farenzena (2023).

Seguimos aqui debatendo como transversalmente o teatro está presente em todos os direitos de aprendizagem e os campos de conhecimento da BNCC para a educação infantil (crianças de zero a 5 anos e 11 meses de idade) e como podemos garantir que às professoras e futuras professoras desse nível de ensino possa ser garantida a experiência de ensino-aprendizagem e mediação em teatro.

O teatro aparece na BNCC (2018) para a educação infantil, atravessando todos os direitos de aprendizagem das crianças estipulados pelo documento. A saber:

- Conviver com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens [...];
- Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos) [...];
- Participar ativamente [...];
- Explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos [...];
- Expressar, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens;
- Conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural, [...].

Uma observação atenta poderia nos permitir listar como o jogo dramático e o jogo teatral, bem como as brincadeiras teatralizadas e as experiências estéticas cênicas dão conta de todos esses direitos, mas esse intento, que deverá ser efetivado no futuro próximo, não o desenvolveremos com a profundidade que merece no espaço deste artigo. O saber-fazer teatral com crianças pequenas fundamentado em experimentação lúdica, na qual as crianças são protagonistas das práticas e experimentações ensinadas, vai ao encontro do que preconiza a BNCC (2018) para a educação infantil.

Naquilo que concerne aos campos de experiência que deverão ser desenvolvidos na educação infantil, da mesma maneira temos o teatro e as práticas dramáticas lúdicas imbricadas de forma indelével. Os campos de experiência na BNCC (2018) são: 1) O eu, o outro e o nós; 2) Corpo, gestos e movimentos; 3) Traços, sons, cores e formas; 4) Escuta, fala, pensamento e imaginação; 5) Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. Pois bem: fazer, experimentar e brincar o teatro em suas diversas possibilidades desenvolve cada um destes cinco campos de experiência de maneiras diversas e, em outro momento, é premente que se destrinche de modo sistemático como essa articulação entre os conteúdos e noções de teatro com crianças pequenas pode atravessar e potencializar os campos de experiência, sendo parte constituinte deles. A partir de diversas abordagens (práticas e teóricas) esse também é o trabalho que desenvolvemos junto às futuras pedagogas na disciplina de Educação e Teatro.

Em relação aos objetivos de aprendizagem, o teatro (ou ações correlatas diretamente como contação de histórias e dramatização) é citado em diversos deles que concernem aos dois anos finais da educação infantil (crianças entre 4 anos a 5 anos e 11 meses):

(EI03CG01) Criar com o corpo formas diversificadas de expressão de sentimentos, sensações e emoções, tanto nas situações do cotidiano quanto em brincadeiras, dança, teatro, música.

(EI03CG02) Demonstrar controle e adequação do uso de seu corpo em brincadeiras e jogos, escuta e reconto de histórias, atividades artísticas, entre outras possibilidades.

(EI03CG03) Criar movimentos, gestos, olhares e mímicas em brincadeiras, jogos e atividades artísticas como dança, teatro e música.

(EI03EF04)

Recontar histórias ouvidas e planejar coletivamente roteiros de vídeos e de encenações, definindo os contextos, os personagens e a estrutura da história.

(EI03EF01) Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão.

(EI02EF06) Criar e contar histórias oralmente, com base em imagens ou temas sugeridos (BRASIL, 2018, p.45-52).

Já nos anos iniciais do ensino fundamental, dever-se-ão desenvolver seis dimensões do conhecimento em artes, articuladamente, nos processos de ensino-aprendizagem. São elas: 1) criação; 2) crítica; 3) estesia; 4) expressão; 5) fruição; e 6) reflexão. Aqui cada uma das quatro linguagens artísticas, acrescidas das artes integradas, tem todas suas habilidades e competências definidas e devidamente descritas na BNCC (BRASIL, 2018).

Na organização da BNCC há competências gerais da área de linguagens, bem como aquelas específicas da área de artes e as habilidades específicas em cada linguagem. O teatro pode ser trabalhado também desenvolvendo as habilidades específicas de artes integradas, conforme o documento, e, por ser uma arte integradora, presta-se muito bem a este objetivo. Performance, ópera, circo, teatro de formas animadas, radioteatro, audiovisual, folguedos e brincadeiras cênicas populares, mais recentemente a cultura *hip-hop* e o *slam*, podem ser considerados como parte do cabedal de manifestações que são dotadas de teatralidade, performatividade e são teatro por si, ainda que em relação intrínseca com as outras artes. As ditas artes da cena vivas, ou artes da presença, excedem em muito

nossas concepções de teatro vinculadas ao palco e ao textocentrismo, alargando a própria noção de artes da cena que pode ser abordada em uma aula de teatro com crianças.

Naquilo que concerne aos anos iniciais do EF (1o a 5o anos), citamos aqui as habilidades da linguagem teatral a serem desenvolvidas:

(EF15AR18) Reconhecer e apreciar formas distintas de manifestações do teatro presentes em diferentes contextos, aprendendo a ver e a ouvir histórias dramatizadas e cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional.

(EF15AR19) Descobrir teatralidades na vida cotidiana, identificando elementos teatrais (variadas entonações de voz, diferentes fisicalidades, diversidade de personagens e narrativas etc.).

(EF15AR20) Experimentar o trabalho colaborativo, coletivo e autoral em improvisações teatrais e processos narrativos criativos em teatro, explorando desde a teatralidade dos gestos e das ações do cotidiano até elementos de diferentes matrizes estéticas e culturais.

(EF15AR21) Exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, por meio de músicas, imagens, textos ou outros pontos de partida, de forma intencional e reflexiva.

(EF15AR22) Experimentar possibilidades criativas de movimento e de voz na criação de um personagem teatral, discutindo estereótipos (BRASIL, 2018, p. 202-203).

Ao apresentar o teatro na BNCC, ainda que brevemente, constatamos que, embora nas leis e na base o teatro deva ser desenvolvido como conteúdo nos níveis da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, somente uma minoria de cursos de pedagogia possuem em seus currículos formação específica na linguagem cênica e dramática, com disciplina voltada aos estudos teórico-práticos do teatro com (ou para) as infâncias e professores com formação na área de teatro.

Conforme o trabalho de Lombardi (2015), somente 4 universidades tinham disciplinas específicas de teatro nos cursos de pedagogia até aquele momento. Deve ser feita a atualização destes dados nos últimos dez anos para sabermos se houve alteração, mas o fato é que se trata de uma minoria absoluta, sempre ligada às universidades públicas, no universo de mais de 2000 licenciaturas em pedagogia ofertadas no país.

Assim, partimos do lugar que (ainda não é) ocupado pelo teatro nos currículos dos cursos de pedagogia no Brasil, à despeito das leis e regulamentações que o fazem conteúdo e/ou disciplina obrigatória (nos anos finais do ensino fundamental Teatro deveria figurar como disciplina), para pensar como estamos construindo em nosso componente curricular um lugar para o teatro para crianças, para a produção cultural contemporânea direcionada ao público de crianças espectadoras, tratando deste como conteúdo e objeto de estudos na disciplina Educação e Teatro do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UFRGS.

A disciplina Educação e Teatro no curso de Pedagogia da UFRGS: histórico e apresentação

Situando e historicizando a disciplina Educação e Teatro da Faculdade de Educação da UFRGS, podemos dizer que as atividades dramáticas e cênicas junto à formação de pedagogas na UFRGS têm um histórico vinculado ao Colégio de Aplicação da UFRGS (CAp UFRGS) e ao curso Normal do Instituto Estadual de Educação General Flores da Cunha, localizado em Porto Alegre, cujo o prédio é vizinho ao Campus Centro da UFRGS (onde funcionou o CAp dos anos 50 até os anos 90 e onde se localiza hoje a Faculdade de Educação).

Figura 1 – O “prédio azul” que abrigou, até os anos 90, o Colégio de Aplicação da UFRGS no Campus Centro e hoje é sede da Faculdade de Educação.



Fonte: Youtube da Faced UFRGS.

Portanto, na UFRGS, instituição na qual a área de teatro da Faced atende, em média, a 120 pedagogas em formação anualmente na disciplina obrigatória Educação e Teatro, a inserção do teatro no currículo da Pedagogia é fruto, embrionariamente, da atuação da professora Olga Reverbel, uma das pioneiras da pedagogia do teatro na educação básica no Brasil, que atuava junto ao Instituto Estadual de Educação General Flores da Cunha, ministrando aulas de teatro no curso Normal.

Em 1956, [Olga Reverbel] cria o Laboratório de Teatro e Didática, programa considerado pioneiro no Brasil, cujo objetivo era formar professores para a escola primária. O sucesso da experiência resulta na criação do Teatro Infantil Permanente do Instituto de Educação (TIPIE), uma agremiação de cunho didático, dirigida por estudantes do curso normal, que coletivamente se ocupavam de todos os detalhes da encenação, desde os preparos iniciais até as apresentações finais (Goldschmidt, 2018, p. 80).

O TIPIE foi referência na história do teatro para crianças no Rio Grande do Sul e no Brasil. Nele, temporadas de montagens de teatro para crianças nas quais atuavam as estudantes do magistério formaram gerações de espectadores em Porto Alegre nos anos 50, 60 e 70.

Figura 2 – Vista noturna do prédio do Instituto Estadual de Educação General Flores da Cunha, após reforma entregue em 2024.



Fonte: site do Governo do estado do RS.

No início dos 70, mais precisamente em 1973, Olga Reverbel é convidada para atuar no Colégio de Aplicação da UFRGS (doravante CAP). A área de teatro nesta instituição de educação básica já havia sido instaurada em 1971 com a contratação temporária do recém formado em artes dramáticas professor José Faleiro (Molina, 2021, p.195-96). Olga é, portanto, uma das fundadoras e organizadoras do estabelece nele a área de teatro, hoje composta por sete professores e contando com a disciplina de teatro em todos os anos da educação básica (ensinos fundamental e médio) e na EJA.

Concomitantemente ao trabalho no CAP, Olga fez parte do quadro docente do Departamento de Ensino e Currículo (doravante DEC), introduzindo o teatro no currículo das futuras professoras, com a disciplina Didática e Prática de Ensino de Arte Dramática. Assim, de certa forma, a presença do teatro no curso de pedagogia nasce já atrelada não somente aos conteúdos concernentes à pedagogia do teatro com crianças como à produção teatral para crianças e à formação de espectadores-criança, eixos fundamentais da atuação de Olga Reverbel.

Além de Olga Reverbel, a disciplina contou com outro professor emblemático que, por quase três décadas, respondeu pela formação teatral junto ao DEC, nas licenciaturas em Teatro e em Pedagogia. Sérgio Lulkin, artista-docente reconhecido no estado do RS, que foi professor de teatro no DEC de 1993 a 2018, relembra em entrevista à Lombardi e Nardin (2017) que, ao ingressar como docente junto à Faced, a situação das artes no currículo da Pedagogia da UFRGS era a seguinte:

Ao ingressar no DEC da Faced, tive como atribuição compartilhar uma disciplina com temas de Arte e Educação, destinada ao curso de Pedagogia, a qual era ministrada pela professora Analice Dutra Pillar, com formação em Artes Visuais. Neste momento, em 1993, a disciplina previa atender as expressões em Artes Visuais, Teatro e Música (p. 69). [...] Nos anos seguintes, conseguimos algumas alterações no currículo, criando duas disciplinas: uma de Artes Visuais, com 45 horas/aula e outra, ainda mista, Música e Teatro, com 45 horas/aula para atender as duas expressões [...] Anos mais tarde, alcançamos o objetivo de oferecer três disciplinas com as suas peculiaridades, ganhando mais horas e créditos no currículo do curso de Pedagogia (p. 70).

No percurso de estabelecimento do currículo vigente entre 2019 e 2024 (anos em que se realizaram as práticas pedagógicas aqui descritas a seguir junto à disciplina de Educação e Teatro), a obrigatoriedade dos conteúdos de teatro veio com uma disciplina

ofertada junto com a música, até a criação da disciplina específica Educação e Teatro, já nos anos 2000. Após a aposentadoria da professora Olga Reverbel, o professor Sérgio Lulkin esteve por 25 anos à frente da disciplina e hoje eu sou a professora que ocupa a vaga que foi deixada com a aposentadoria dele.

Atendemos³, a área de Teatro do DEC, não somente ao curso de Pedagogia, mas também à área pedagógica da Licenciatura em Teatro (estágios e práticas pedagógicas em teatro na escola), ofertamos disciplinas optativas de teatro de formas animadas e dança para todas as licenciaturas e temos atuação na pós-graduação, na pesquisa e na extensão. Ainda que o currículo da Pedagogia (presencial) da UFRGS possa ser considerado um dos mais ricos no que concerne não só à presença de disciplinas artísticas quanto à formação específica dos docentes responsáveis por estas disciplinas, não conseguimos ainda que na grade curricular obrigatória esteja presente a disciplina Educação e Dança, ofertada de modo eletivo pelos professores da área de teatro com apoio dos professores da Licenciatura em Dança da ESEFID. No currículo atual⁴, a disciplina Educação e Teatro é obrigatória para todas as estudantes de Pedagogia (cursos diurno e noturno) e eletiva nos cursos de licenciatura em Biologia e História. Recebemos ainda estudantes de outros cursos de graduação, quando há vagas remanescentes para tal.

Em recente artigo publicado, as pesquisadoras portuguesas Pires-Antunes e Dias (2025) problematizam a educação artística na formação de novos educadores que trabalham em creches e escolas de educação básica com crianças em Portugal, salientando a carência da formalização das artes nos currículos de formação de professores neste país europeu. As pesquisadoras apresentam, então, uma proposta de educação teatral vivencial, estética e lúdica, desses futuros docentes, a partir de marcos estéticos e relacionais do teatro pós-dramático, entre outros. O que se pode inferir a partir da leitura do artigo é que, em termos de normativas e leis, bem como de presença em currículos oficiais como a BNCC (2018) e nas normativas de formação docente, o Brasil está mais adequado aos parâmetros promulgados pelas Conferências Mundiais de Educação Artística da UNESCO, realizadas em 2006 (Lisboa), 2010 (Seul) e 2024 (Abu Dabi), e que estabelecem bases para as artes na educação contemporânea⁵. No entanto, em termos de efetivação das leis, diretrizes e normativas oficiais, estamos também muito aquém do desejável, não tendo professores de artes para todas as escolas e tampouco formação adequada para as pedagogas unidocentes.

A experiência doravante relatada encontra alguma analogia, guardadas as diferenças entre conjunturas e contextos de Brasil e Portugal, com as propostas apresentadas pelas autoras no artigo supracitado (Pires-Antunes e Dias, 2025), entendendo que o movimento que estamos empreendendo em algumas universidades brasileiras não está isolado em relação às questões curriculares de formação de professoras de crianças em outros países. Temos notícias, no Brasil, por exemplo, do trabalho desenvolvido pela colega professora Lúcia Lombardi (Lombardi, 2022) junto ao curso de Pedagogia da UFSCar, entre outros.

3 Há outros dois professores da área de Teatro da Faced/UFRGS, a saber, meus colegas professores Gilberto Icle e Rossana Della Costa.

4 No momento em que este artigo está sendo publicado, ocorre uma reformulação curricular nas licenciaturas de todo o país, atendendo à Resolução CNE/CP nº 4, de 29 de maio de 2024, sendo que o curso de Pedagogia da UFRGS também deverá sofrer adequações e mudanças ainda no ano de 2026, que deverão entrar em vigor no primeiro semestre de 2027.

5 Recentemente (2025) a UNESCO lançou um documento intitulado “Quadro de referência da UNESCO para a educação cultural e artística: orientações para a implementação”, que pode ser acessado aqui: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000397438>, documento complementar ao “Marco de la UNESCO para la Educación Cultural y Artística (Abu Dabi, 2024), que pode ser acessado aqui: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000390135_spa?posInSet=3&queryId=84ae0354-25e1-40cb-8350-8837ee6ea084. Acesso em 05/04/2026.

O teatro para crianças no currículo da Pedagogia: estratégias e proposições didáticas

O que sabem as futuras professoras de crianças sobre as artes cênicas produzidas para as infâncias na contemporaneidade? O que conhecem, ao que já assistiram, ao que tiveram acesso como espectadoras? Parto das perguntas para incitar essas reflexões e também ao iniciar aulas na graduação em pedagogia as coloco como disparadores. Sem desmerecer as experiências anteriores das estudantes, bem como seus repertórios culturais próprios e vinculados aos territórios (físicos e simbólicos) nos quais circulam, especificamente quando se fala em teatro para crianças, as experiências das futuras pedagogas costumam restringir-se a espetáculos comerciais apresentados nas escolas nas quais trabalham, a alguns poucos espetáculos assistidos com as turmas nos escassos projetos e festivais de teatro que fomentam o acesso cultural de escolas públicas, ou a experiências particulares que tiveram no âmbito familiar ou privado (mais raramente).

Nestas conversas iniciais, memórias de infância com o teatro, essas sim emergem dos relatos das estudantes, seja na escola, na igreja, na casa da avó, no centro comunitário, etc. E são fundamentais à construção de espectadoras, conforme propomos. Contudo, quando nos referimos ao teatro infantil ou teatro para crianças, espetáculos ou performances cênicas voltadas ao público infantil concebidas e realizadas por artistas ou grupos profissionais, as experiências costumam ser mais restritas.

No entanto, o processo de curadoria, de análise e de escolha de espetáculos, que nem sempre é possível no dia a dia da educação, bem o sabemos, seria uma das funções cabíveis na formação de professoras mediadoras das artes da cena. Deduz-se, portanto, que, para tal intento, elas devem ter algum contato com a produção contemporânea para crianças, na tentativa de romper com os vínculos da concepção de teatro para crianças textocêntrico e ligado aos estereótipos de um teatro menor, simplório ou facilitado, desprovido de ambições estéticas, ligado às temáticas moralizantes, didáticas ou comerciais. Afirmamos que, embora obras com estas características coexistam no panorama atual, hoje o campo do teatro para crianças no Brasil é rico, complexo e portador de diversas estéticas e temáticas contemporâneas. Ficamos com a questão: como dar a ver, conhecer, sentir e analisar essa produção cênica às futuras pedagogas?

Assim, descrevo agora os esforços empreendidos no sentido de engendrar um saber-fazer (teórico-prático) sobre e a partir do teatro para crianças e problematizá-lo criticamente, com a inserção dos conteúdos relativos à produção cultural para as infâncias na disciplina obrigatória do curso de Pedagogia da UFRGS, Educação e Teatro, ministrada por mim no período compreendido entre 2019 a 2024. Sistematizo as estratégias metodológicas de ensino desenvolvidas para apresentar, debater e refletir sobre o teatro para crianças junto a essas pedagogas em formação nos cinco anos em questão.

Já vimos que, de certa forma, a criação de disciplina própria do teatro junto ao curso de Pedagogia da UFRGS esteve intrinsecamente ligada ao campo do teatro para crianças, pela via de Olga Reverbél e seu trabalho. No entanto, ao longo das décadas, vimos também essa relação esmaecer, sendo substituída pela necessária prática de jogos dramáticos e de jogos teatrais e pela introdução de práticas lúdicas corporais e simbólicas na formação das futuras pedagogas, configurando-se as aulas de teatro um dos poucos espaços-tempo do currículo no qual poderiam se dedicar ao saber-fazer lúdico e estético de modo prático e não somente teórico.

Sobre suas aulas ao longo de 25 anos, Sérgio Lulkin nos narra que inicia “contando histórias, lembrando o plano de aulas e se utilizando do humor”, para, em seguida:

Após esse início “sentado”, proponho jogos coletivos, que saem do estado “cadeira” e mobilizam corpo, voz, energias, riso e calor. Os jogos podem ser propostos pelas alunas, também. Em seguida, fazemos exercícios dramáticos que vão compondo a unidade de trabalho do momento. [...] Outro exemplo: improvisações teatrais com o

objetivo de desenvolver argumentação, onde a fala, o quê e como é dito são importantes. Situações clássicas: vendedor e comprador em diversos contextos, um gerente recebendo algum tipo de reclamação de um cliente, uma entrevista para emprego, uma situação familiar onde os pais e os filhos dialogam sobre algum tema (com conflito e solução). Após algumas experimentações, são feitas sugestões para desenvolver os argumentos e contextos e os grupos reapresentam as cenas de forma simples, porém organizada em sua estrutura. Todas as unidades de trabalho passam por experimentação, criação, apresentação e comentários sobre o processo e os resultados (Lombardi e Nardin, 2017, p. 71 e 72).

Ainda que a disciplina mantenha atualmente um forte caráter prático-teórico, retomar as abordagens de conteúdos relativos à produção cultural para as infâncias se mostrou algo premente quando de meu ingresso como professora efetiva do DEC, vinda de muitos anos como docente na formação de professores de teatro e dança (na UFSM e na UFPel). Nessas graduações, sempre desenvolvi trabalhos voltados à discussão da produção cultural para as infâncias e ao teatro para crianças, bem como à formação de espectadores. Portanto, me pareceu relevante retomar essas dimensões no planejamento da disciplina da Pedagogia. Afinal, as professoras são as primeiras e mais decisivas mediadoras das relações iniciais das crianças pequenas com a linguagem teatral, o que já constatamos e problematizamos em pesquisa anterior (Ferreira, 2006).

Assim, foram retomados no plano de aula conteúdos sobre 1) produção cultural para crianças (de modo mais amplo), 2) teatro para crianças (de maneira mais específica) e 3) de formação de espectadores (crianças e professoras), tendo como objetivo também a formação das pedagogas como mediadoras da relação das crianças com a linguagem teatral.

Reproduzo, a fim de situar o leitor e a leitora sobre os objetivos formativos do trabalho desenvolvido, um quadro-resumo da proposta semestral (de 2019 a 2024) em que ministrei a disciplina na graduação e na formação continuada de educadoras ofertada no âmbito do Programa de Extensão Hanna (2022-2024):

Figura 3 – Slide de material didático.



Fonte: Taís Ferreira, arquivo pessoal.

Aqui, cumpre notar que a organização do plano semestral ministrado por mim envolve atividades práticas em teatro (jogos teatrais, brincadeiras tradicionais de diferentes culturas, dramatizações, trabalho com objetos, contação, voz e corpo, teatro de sombras, etc), aulas teóricas (estudos sobre infâncias, teatro e jogo, conteúdos específicos da linguagem teatral, teatro e temas como inclusão, gênero, EREER, etc.) e a recepção teatral ou formação de espectadores (conhecer, acessar e assistir a performances cênicas diversas e refletir sobre estas experiências, auto-narrativas como espectadores, etc).

As palavras de Lombardi (2017) nos recordam de um dos principais objetivos das aulas de teatro na Pedagogia, que jamais deixei de abraçar em cada uma das aulas com as futuras professoras:

Um objetivo elementar do trabalho com teatro na formação de pedagogas, portanto, é o de repensar as concepções que temos de teatro, compreendendo-o como arte em permanente estado de pesquisa das potencialidades corporais, expressivas, poéticas e inventivas. Se trata de desejar um fazer com a linguagem teatral que compactue com o encantamento dos corpos-brincantes infantis que se movem, lançando-se em jogos que recriam aquilo que está dado (p. 38).

Assim, reitero que as três dimensões apresentadas no esquema da Figura 3 são igualmente desenvolvidas, dando ênfase às práticas áulicas lúdicas baseadas em jogos teatrais, jogos dramáticos, propriocepção corporal e outras metodologias caras ao ensino de teatro no Brasil. Ao longo dos semestres, as duas avaliações obrigatórias, além da participação nas aulas (assiduidade, pontualidade, comprometimento e disponibilidade) foram 1) a construção de uma caixa de teatro de sombras, com a criação de uma história original e apresentação de pequeno esquete de teatro de sombras tanto no âmbito da disciplina como em espaços educacionais formais ou não-formais (extensão curricular) e 2) a resenha crítica escrita e apresentada oralmente de um espetáculo cênico (dança, teatro, ópera, performance, circo) a ser assistido ao longo do semestre, a partir da escolha das estudantes. Esse momento de compartilhamento narrativo das experiências de recepção se mostrou um espaço profícuo de trocas e debates entre as estudantes a partir de experiências ricas e mesmo emocionantes como espectadoras das artes da cena, um espaço-tempo de trocas significativo a cada semestre, de aprendizados mútuos e reflexão formativa coletiva.

Especificamente ao trazer à baila as questões concernentes à produção teatral para crianças, começo sempre o semestre trazendo referências básicas dos estudos de infâncias que são caras ao teatro. Sociologia e antropologia das infâncias, bem como desenvolvimento do jogo nas crianças, entre outros, são tópicos desenvolvidos em suas tramas com as teatralidades e performatividades infantis. Trabalhamos ao longo de todo o semestre na compreensão da função docente como mediadora da relação das crianças com artefatos culturais diversos: seja das culturas tradicionais populares como das culturas de massa e midiáticas, chegando às obras artísticas propriamente. Ou seja: quando desenvolvemos as duas aulas (3h cada) em que o tema central é o teatro para crianças, já há todo um debate de base em andamento e amadurecimento há diversas semanas, além de vivências práticas do jogo teatral, de elementos da teatralidade e de seu saber-fazer. Foi realizada, portanto, ao longo do semestre, uma formação que torna significativas as aulas sobre teatro para crianças para estas futuras pedagogas.

No geral, os conteúdos específicos, os divido em duas aulas: a primeira, na qual levantamos as características da produção cênica para crianças contemporânea, trabalhando a partir também dos estereótipos que as compõem, partindo das memórias dos estudantes como espectadores de teatro, chegando até uma visão crítica e analítica da produção atual. Apresento esse panorama e debatemos a relevância desse conhecimento para o professor que trabalha com crianças, as possibilidades de propostas de mediação (antes, durante e depois da assistência a uma performance cênica).

Na segunda aula, exploramos o teatro para crianças tomando as crianças não somente como jogadoras do jogo teatral e dramático, mas como espectadoras. Parto de uma coleção de imagens coletadas junto às plataformas da Feira Internacional do Livro Infantil de Bolonha (Itália) e do projeto *Mapping*. Todas as ilustrações são integrantes da exposição intitulada *Children-Spectators – Early Childhood and Performing Arts* (Crianças espectadoras – Primeira infância e artes cênicas), realizada a partir de concurso com ilustradores de todo o mundo nos anos de 2019, 2020 e 2021 no âmbito da Feira Internacional do Livro Infantil de Bolonha. Essa mostra está vinculada ao projeto europeu de pesquisa *Mapping - A map on the aesthetics of performing arts for early years*⁶, que se propõe a investigar as produções cênicas para a pequena infância (Frabetti, 2023).

O conjunto de imagens, cuidadosamente selecionadas por mim junto à totalidade do material disponível, tendo em vista os tópicos do conteúdo a serem abordados com as estudantes de pedagogia, é um disparador riquíssimo de debate, discussão e reflexão situada sobre elementos relevantes no trabalho com a formação de crianças espectadoras e sobre as características inerentes às relações entre crianças espectadoras e diversas linguagens das artes vivas ou da performance contemporaneamente.

Aqui, a partir da análise estética de ilustrações, levantando perguntas e impressões, traçando relações, vamos criando juntas, estudantes e eu, uma pequena cartografia, um mosaico ou um panorama (amplo e incompleto, porém diverso) de vinculações possíveis entre crianças, performatividades e teatralidades na contemporaneidade, sempre problematizando que lugar uma professora pode ocupar neste espaço de mediação e promoção da relação, de forma lúdica, prazerosa e referenciada.

Assim, podemos resumir o planejamento proposto na abordagem do teatro para crianças no âmbito da disciplina Educação e Teatro da seguinte maneira:

- formação de base: infâncias, teatralidades, jogo, brincadeira, elementos da linguagem;
- a produção cultural para crianças: características do teatro infantil no Brasil e no mundo, teatro para bebês, performances de rua, etc (curadoria);
- formação de espectadores: professoras-mediadoras, crianças-espectadoras (antes/durante/depois do espetáculo);
- produção para crianças das estudantes (esquetes, cenas, jogos, contações, materialidades): problematizar os estereótipos nas artes da cena (e na contação de histórias e outras modalidades) para crianças produzido pelas professoras para as crianças;
- auto-formação como espectadoras: percursos mnemônicos e experiências atuais.

Concluindo: pistas para trabalhar o teatro para crianças com pedagogas

Ao longo deste artigo, pretendi tão somente levantar algumas pistas que tragam a produção cênica para as infâncias, ou seja, aqueles espetáculos, performances ou acontecimentos cênicos que tenham as crianças como espectadoras preferenciais, como um dos conteúdos e objetos de estudos a serem desenvolvidos ao longo de uma disciplina de Educação e Teatro ofertada na formação docente inicial. Defendemos que essa abordagem seja articulada ao estímulo tanto de sensibilidades estéticas como éticas das futuras docentes, ao se comprometerem a serem mediadoras da relação entre as crianças e as artes da cena. Assim, propomos um percurso que parte da autoformação cultural das estudantes de Pedagogia e de outras licenciaturas, no sentido de pensar a produção para as infâncias contemporâneas e as relações atuais das diferentes infâncias com as teatralidades e as performatividades, em uma compreensão ampliada do próprio conceito de teatro.

6 Maiores informações sobre o projeto e seus desdobramentos podem ser obtidas neste site: <https://mapping-project.eu/>. Acesso em 13 nov. 2025.

Uma disciplina obrigatória em um currículo de uma licenciatura em pedagogia ainda se apresenta como um locus absolutamente privilegiado de desenvolvimento dessas propostas pedagógicas, culturais e formativas. Levando-se em conta os dados apresentados sobre a situação das artes nos currículos dos diversos cursos de pedagogia ofertados no país e do número grandiloquente de estudantes frequentando essas licenciaturas, cumpre notar que em sua maioria na modalidade EAD, isso por si só já seria um entrave aos estudos prático-teóricos do teatro, uma arte galgada em um saber-fazer fundamentado na presença e na relação entre os sujeitos, no trabalho coletivo e artesanal, nas trocas e na alteridade.

A pretensa construção de um currículo inicial para o teatro com e para as infâncias na formação de pedagogas também está presente nos projetos de extensão e de formação continuada docente que coordeno, no âmbito do Programa de Extensão Hanna e da pesquisa Observatório do Teatro na Educação Infantil, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e na Educação de Jovens e Adultos no Mercosul (financiamento CNPq). Essas ações desenvolvidas nos últimos anos estão descritas e problematizadas em recente capítulo de livro, publicado a partir da apresentação de trabalho no Congresso Mundial da ASSITEJ Cuba (Ferreira et al, 2024) e em publicações anteriores, que corroboram e complementam aquilo que foi exposto neste artigo, já que estes escritos resultam da articulação entre pesquisa, extensão e ensino, sendo o vértice do ensino na formação inicial de pedagogas o foco central da abordagem aqui apresentada.

Gostaria de finalizar com outra breve história de cunho pessoal: em 2023, estávamos, eu e a equipe do Programa de Extensão Hanna, apresentando a contação cênica “Hanna, uma história canina”, que envolvia narração, dança, teatro de sombras, jogo e teatro documental, em uma proposta singela e contemporânea para crianças e professoras. Uma estudante da Pedagogia já demonstrava há muitas aulas certa resistência às ações e atividades no âmbito da disciplina Educação e Teatro, chegando atrasada, não apresentando disponibilidade na realização de jogos e exercícios práticos, displicente nas leituras e debates, externalizando um cansaço e um desânimo visíveis (esperados e compreensíveis na dura realidade de estudantes trabalhadoras moradoras de periferias urbanas, o caso de boa parte de nosso alunado na Pedagogia da UFRGS).

Estávamos, ela e eu, por conseguinte, aborrecidas com essa situação nas aulas. A turma foi, então, assistir a Hanna, em um dia em que crianças de escolas de educação infantil assistiam à contação cênica dentro da temporada que fizemos no Centro Cultural da UFRGS, de setembro a novembro deste mesmo ano. Essa foi uma atividade que fez parte das propostas acadêmicas na disciplina Educação e Teatro. Neste dia, a estudante, ao acabar de assistir ao trabalho com as demais colegas e as crianças, levantou com os olhos marejados de lágrimas e me abraçou, agradecendo. Eu percebi que ali algo fez sentido: a experiência estética que havia se passado entre a cachorra vira-lata Hanna e a moça de lindos cabelos avermelhados transformara o cansaço, a indisponibilidade e a desatenção que tinham estado presentes nas aulas anteriores em puro estado de alerta e de presença, de troca e de atravessamentos, de comunhão sensível e de construção de sentidos e significados. Esse pode ser o lugar do teatro para crianças na formação de pedagogas, sejam elas espectadoras, mediadoras ou propositoras da cena.

Destarte, concluímos que almejamos, com estes escritos, apresentar o que vem sendo desenvolvido no âmbito da formação inicial de professoras, junto à disciplina Educação e Teatro da Faced UFRGS, na tentativa de oferecer pistas para que o teatro para crianças seja conteúdo desenvolvido na prática, na teoria e na formação de espectadores junto às futuras pedagogas do Brasil.

Referências

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm . Acesso em 03 dez. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC), Secretaria da Educação Básica (SEB). *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC). Brasília: 2018. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf . Acesso em 12 ago. 2025.

FARENZENA, C. da Silva. *A arte e o teatro no novo ensino médio: possibilidades, desafios e formas de resistência*. Dissertação (Mestrado em Artes). PROF-ARTES, Udesc, Florianópolis, 2023.

FERREIRA, T. *A escola no teatro e o teatro na escola*. Porto Alegre: Mediação, 2006.

FERREIRA, T.; BERNARDES DA SILVA; L., MALLMANN, L.; BECKER, V. C. Cães, crianças e professoras: artes da cena para e com as infâncias entre escola e universidade. In MERISIO, P.; SORMANI, N. L. e WATER, M. van der (orgs.) *Vozes para um novo mundo: legado e inovação no teatro para as infâncias e as juventudes*. Niterói: Cândido, 2024. 236p

FRABETTI, R. (org). *Childrens spectators - Il bambino spettatore*. Bologna: Pendragon, 2023. il.

GOLDSCHMIDT, C.L. *O protagonismo de Olga Reverbél no ensino de teatro no Brasil: um percurso biográfico*. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas). PPGAC, UFRGS, Porto Alegre, 2018.

INSTITUTO Nacional de Estudos e Pesquisas. Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *Censo Escolar da Educação Básica 2024: Resumo Técnico*. Brasília, 2025. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2024.pdf . Acesso em 13 nov. 2025.

LOMBARDI, L. M. S. S. Sobre o teatro no curso de pedagogia. *Trama Interdisciplinar*, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 116-129, maio/ago, 2015. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/8351/5408> . Acesso em 13 ago. 2025.

_____. Teatro no curso de Pedagogia: concepções e mediação cultural. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, v. 5 n. 2, 2017, p. 33-44. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/teatro3c/article/view/6878> . Acesso em 12 nov. 2025.

_____. (Des)Educação do corpo pelas artes na formação de pedagogas(os) . *Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis, v. 1, n. 43, p. 1–26, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/21566> . Acesso em 3 dez. 2025.

LOMBARDI, L. M. S. dos S. e NARDIM, T. L.. Entrevista com Sergio Andrés Lulkin: teatro com e para pedagogas/os. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, v. 5, n. 2, 2017, p. 69-73. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/teatro3c/article/view/6881> . Acesso em 12 nov. 2025.

MOLINA, W. F. *Docência e ensino de teatro no Colégio de Aplicação da UFRGS (1954-1996): memórias emprestadas para uma narrativa sobre as bases de um projeto pedagógico*. Tese (Doutorado em Artes Cênicas). PPGAC, UFRGS, Porto Alegre, 2021.

PIRES-ANTUNES, Carla; DIAS, Maria Flor. Seis lugares do/a educador/a (en)cena – reflexões em torno da didática da educação dramática na formação de educadores/as de infância. *ARJ – Art Research Journal: Revista de Pesquisa em Artes*, Natal, v. 12, n. 1, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/35426> . Acesso em: 3 dez. 2025.

Recebido: 04/12/2025.

Aceito: 06/04/2026.

Aprovado para publicação: 25/04/2026.

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos de uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. Disponível em: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.

This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License 4.0 International. Available at: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.

Ce texte en libre accès est placé sous licence Creative Commons Attribution 4.0 International.